



Recuperação mundial?

Se países emergentes, como China e Brasil, não assumirem parte do consumo antes centrado nos EUA, a retomada do crescimento será frágil

Antes de exultar demais com uma "recuperação" econômica dos Estados Unidos, é bom lembrar que o colapso que a precedeu foi global. Nenhuma recuperação será bem-sucedida se não for global. O crescimento mundial não pode mais depender do consumo de americanos sobrecarregados de dívidas, hoje mais contidos em razão de prejuízos com imóveis e ações na casa dos trilhões de dólares. Se não houver um substituto para o consumo americano, qualquer recuperação mundial será frágil, uma vez que os Estados Unidos precisam de um crescimento capitaneado pelas exportações, e os demais países precisam compensar as vendas não realizadas no mercado americano.

Os países emergentes seriam o sucedâneo óbvio para o americano consumista, assumindo o papel de motor do desenvolvimento econômico. Esses países já respondem por cerca de 50% da produção econômica mundial, conforme estimativas do FMI. China (11,4%), Índia (4,8%) e Brasil (2,9%) respondem, juntos, por cerca de um quinto. Os Estados Unidos, por outro quinto.

As sociedades desses países têm necessidades enormes de moradia, bens de consumo, saúde etc. Exceto como fator de geração de emprego,



o crescimento induzido pela exportação não faz muito sentido. É lógico que esses países deveriam produzir mais para si mesmos e menos para exportação. A existência de um consumo interno mais vibrante também aumentaria a demanda desses países por importações. Como resultado, os Estados Unidos exportariam mais e importariam menos. Diminuiria o que os economistas chamam de "desequilíbrios globais" - déficits comerciais enormes nos Estados Unidos e superávits correspondentes na China e em outros países. O crescimento econômico mundial ganharia fôlego novamente, e o problema estaria resolvido.

É possível que essa transformação esteja começando. Outros países têm estimulado suas economias, sobretudo a China, que cresceu a uma taxa impressionante de 7,9% no segundo trimestre. Com relação à Índia, o FMI estima que o crescimento será de 5,4% este ano e de 6,5% no ano que vem. As perspectivas de longo prazo para o Brasil são boas, avalia o americano Norman Gall, diretor do Instituto Fernando Braudel, de São Paulo. O país tem "uma base industrial sólida e empresários criativos". A dívida pública passou de 85% do PIB em 2002 para 65%, hoje.

A moeda chinesa continua desvalorizada, e os benefícios fiscais ao setor exportador aumentaram recentemente. Com o enfraquecimento dos mercados americano e europeu, os exportadores chineses migraram para os países de "mercado emergente", como Brasil e Egito. A economia global está diante de uma conjuntura decisiva. Sem o auxílio do consumo americano, o mundo precisa de uma nova base para que o crescimento seja benéfico a todos. Sem isso, corremos o risco de envolver por protecionismo, nacionalismo e conflitos econômicos.